

Plantas medicinais utilizadas pela população de Caldas Novas, GO e o conhecimento popular sobre a faveira (*Dimorphandra mollis* Benth-Mimosoideae).

Medicinal plants used by the population of Caldas Novas, state of Goiás, Brazil and popular knowledge about the faveira (*Dimorphandra mollis* Benth-Mimosoideae).

OLIVEIRA, Oriane Freitas do Vale¹; GONDIM, Maria José da Costa²

1 oriane.ofvo@gmail.com; 2Universidade Federal de Uberlândia- MG/Instituto de Biologia- Campus Umuarama, Uberlândia/MG, Brasil, mjgondim@yahoo.com.br

RESUMO: O trabalho teve por objetivo levantar o conhecimento de plantas medicinais pela população urbana de Caldas Novas-GO, realizado entre abril e maio de 2008. Os dados foram coletados por meio de formulários semi-estruturados (n:251), abrangendo diferentes faixas etárias, sendo levantadas informações quanto ao conhecimento e consumo de plantas medicinais, indicações e modo de uso. Além dessas informações, avaliou-se o conhecimento da população sobre a espécie nativa do cerrado *Dimorphandra mollis* (faveira), indicações para seu uso e partes utilizadas para fins medicinais. A maioria possui conhecimentos e faz uso de plantas medicinais, resultando em 586 citações com 92 nomes populares. Através da análise da nomenclatura popular em bibliografia especializada, foi possível identificar 73 gêneros (ou espécies, quando possível), inclusas em 43 famílias (as principais são Asteraceae e Lamiaceae). Os jovens com escolaridade entre ensino médio e ensino superior demonstraram maior conhecimento de espécies medicinais utilizadas. As plantas mais citadas foram o boldo, erva-cidreira, hortelã. Os chás constituem o principal modo de preparo. A faveira mostrou ser uma planta pouco conhecida pela população. Quando empregada para fins medicinais, as partes mais comuns são a casca, folhas e raiz, sendo relatado um alto resultado satisfatório com seu uso.

PALAVRAS-CHAVE: etnobotânica; plantas medicinais; *Dimorphandra mollis*; Caldas Novas/GO.

ABSTRACT: The goal of this study, conducted between April and May of 2008, was to survey the knowledge about medicinal plants held by the urban population of the city of Caldas Novas, state of Goiás, Brazil. Data were collected using semi-structured forms (n = 251), covering different age groups and surveying information on which medicinal plants are known by the people and their consumption, for which illnesses they are prescribed and how they are used. Besides this information, we assessed the population's knowledge about the species *Dimorphandra mollis* (faveira), native to the cerrado biome, along with prescriptions for its use and parts used for medicinal purposes. Most people have knowledge about and make use of medicinal plants. It was possible to find 92 vernacular names from 586 times they were mentioned. Through analysis of relevant literature in popular nomenclature, it was possible to identify 73 genera (or species when possible) included in 43 families (the main ones are Asteraceae and Lamiaceae). Young people with education level between high school and college degree demonstrated greater knowledge of the medicinal species. The plants that were cited the most were boldo (*Plectranthus barbatus*), erva-cidreira (*Melissa officinalis*) and hortelã (*Mentha* sp). Tea is the main mode of preparation. The faveira proved to be little known by the population. When used for medicinal purposes, the most common parts are the bark, leaves and roots. The people reported highly satisfactory results with its use..

KEY WORDS: ethnobotany; medicinal plants; *Dimorphandra mollis*; Caldas Novas/GO.

Introdução

O aproveitamento das plantas medicinais passou a ter destaque internacional nas últimas décadas, principalmente após o pronunciamento da OMS (Organização Mundial da Saúde) que reconheceu a sua importância e ressaltou sua prática como parte do Programa Saúde Para Todos no ano de 2000. Além disso, foram recomendadas a realização de mais estudos e a propagação do uso de plantas medicinais regionais como uma maneira de diminuir custos dos programas de saúde pública.

Como decorrência das recomendações da OMS, o Brasil através do Conselho Nacional de Saúde aprovou a Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares no SUS (Sistema Único de Saúde) em 2005, com objetivo principal de ampliar as opções terapêuticas aos usuários do SUS (BRASIL, 2006).

Grande parte do conhecimento sobre as plantas medicinais provêm de uma vivência cotidiana de diferentes culturas humanas com a natureza.

No Brasil, historicamente, as raízes do conhecimento tradicional encontram-se nas culturas afro-brasileiras e indígenas, principais responsáveis pelo conhecimento das plantas medicinais, transmitido oralmente de geração a geração (CORREA Jr, 1991).

A abordagem do estudo das plantas medicinais a partir de seu emprego por uma dada população constitui objeto de estudo da Etnobotânica.

A Etnobotânica é citada na literatura como sendo um dos caminhos alternativos que mais evoluiu nos últimos anos para a descoberta de produtos naturais bioativos (MACIEL et al., 2002).

O Brasil é um país de megadiversidade vegetal, com a flora mais rica do mundo, sendo o bioma Cerrado considerado a formação vegetacional com maior diversidade taxonômica em relação aos demais biomas brasileiros. Essa maior diversidade taxonômica em níveis superiores (ordem, famílias e gêneros) amplia a diferença e diversidade química entre elas, indicando que a gama e o potencial de

compostos bioativos pelas espécies do cerrado seja superior às demais formações (GUARIN-NETO & MORAIS, 2003).

Nas últimas décadas vários estudos realizados no cerrado (*latu sensu*) vêm constatando o potencial econômico da vegetação, principalmente as espécies de interesse medicinal (VIEIRA & MARTINS, 2003; VILA VERDE et al.; 2003), com um registro realizado através de uma compilação de dados bibliográficos de 561 espécies de plantas medicinais (GUARIN-NETO & MORAIS, 2003).

Grande parte da flora do cerrado tem sido amplamente explorada pelo conhecimento popular, e nos últimos anos vem crescendo o aproveitamento para produção de medicamentos, tais como: pomadas, xaropes, soluções cicatrizantes e fungicidas, comprimidos para tratamento de vermes, entre outros (SOUZA & FELFILI, 2006).

Assim, estudos que analisem o potencial de uso medicinal de espécies vegetais por meio do conhecimento popular podem proporcionar indícios para a descoberta de novos produtos vegetais, servindo de instrumento para delinear estratégias de utilização e conservação das espécies nativas potencialmente empregadas no uso medicinal (SOUZA & FELFILI, 2006).

No Estado de Goiás o cerrado é a vegetação predominante, entremeado por campos e matas nas áreas de várzeas. O bioma no estado encontra-se com alto nível de pressão antrópica (BRASIL, 2002), sendo uma das áreas de ocupação mais antiga considerando a economia predominante (produção de grãos e pecuária), demografia, disponibilidade de água, infra-estrutura de transporte e energia e áreas de assentamentos rurais.

As pesquisas etnobotânicas além de abordarem comunidades tradicionais, como indígenas e caiçaras também investigam o conhecimento da população urbana (MARODIN & BAPTISTA, 2001; MARTINAZZO & MARTINS, 2004; ALMEIDA et al., 2009; CARVALHO et al., 2011) e de pequenos

núcleos urbanos com origem rural (AMOROZO, 2002; SOUZA & FELFILI, 2006).

O município de Caldas Novas, na região sul do estado, está inserido na região biogeográfica dos Cerrados.

Este trabalho teve por objetivo levantar o conhecimento sobre o uso de plantas medicinais pela população urbana de Caldas Novas-GO, visando o resgate do saber botânico tradicional.

O uso da faveira (*Dimorphandra mollis* Benth-Mimosoideae) como planta medicinal pela população urbana de Caldas Novas-GO.

A matéria prima vegetal para o abastecimento do mercado de produtos cosméticos e farmacêuticos é constituída de plantas exóticas provenientes do cultivo e/ou importação e de espécies nativas em grande parte obtidas de populações silvestres. A demanda por esses recursos vem crescendo, enquanto que a disponibilidade dessas espécies (principalmente as nativas) vem diminuindo. Segundo Guarin-Neto & Morais (2003), algumas espécies reconhecidamente terapêuticas correm o risco de desaparecer ou tiveram suas populações drasticamente reduzidas, como tem sido relatado para a poaia (*Psychotria ipecacuamba*), a arnica (*Brickelia brasiliensis*), o barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*), dentre outras.

A espécie *Dimorphandra mollis* conhecida como faveira, fava d'anta ou falso barbatimão tem lugar garantido no mercado mundial de produtos cosméticos e farmacêuticos. Em levantamentos das espécies vegetais do cerrado utilizadas como medicinais, *D. mollis* é uma espécie registrada em grande número de estudos (VILA VERDE et al.; 2003; SOUZA & FELFILI, 2006; SILVA, 2007).

Essa espécie aparece também na lista de 26 espécies medicinais e aromáticas brasileiras com alta prioridade para Coleção de Germoplasma, projeto desenvolvido pela Embrapa/Cenargen

(Centro Nacional de Recursos Genéticos e Biotecnologia) em colaboração com várias universidades (VIEIRA, 1999).

Segundo Martins et al. (2007), a faveira é uma espécie que possui alto valor econômico, pois os frutos (vagens) muito utilizados na indústria farmacêutica, são ricos em diversas propriedades farmacológicas, tais como ação antitumoral, antivirais, anti-hemorrágica, hormonais, antiinflamatórias, antimicrobianas e antioxidante.

A casca apresenta alto teor de taninos¹ e suas sementes possuem um alto teor de galactomanano, um polissacarídeo muito usado na indústria alimentícia (por ex. na produção de gomas utilizadas como espessantes em alimentos industrializados).

Assim, por apresentar diversas formas de aproveitamento com alta rentabilidade, *D. mollis* vem sofrendo um grande processo de extrativismo. Famílias rurais sobrevivem com a pequena renda da exploração da vegetação nativa, realizada muitas vezes de modo prejudicial à planta, o que poderá ocasionar a redução gradativa da viabilidade genética da espécie (GOMES & GOMES, 2000). O plantio comercial é inexistente, sendo as favas comercializadas através de coletas nas áreas de vegetação do cerrado.

No município de Caldas Novas a faveira é uma espécie nativa freqüente na área rural com vegetação de cerrado e também em áreas periféricas da região urbana. Nesse contexto, o trabalho objetivou avaliar o conhecimento da população urbana de Caldas Novas-GO sobre a faveira, assim como identificar as diferentes indicações medicinais e formas de uso para a mesma.

Metodologia

O trabalho foi realizado no município de Caldas Novas-GO, localizado ao sul do estado, sob as coordenadas 17° 44' S e 48° 37' N (Figura 1).

Plantas medicinais utilizadas pela população

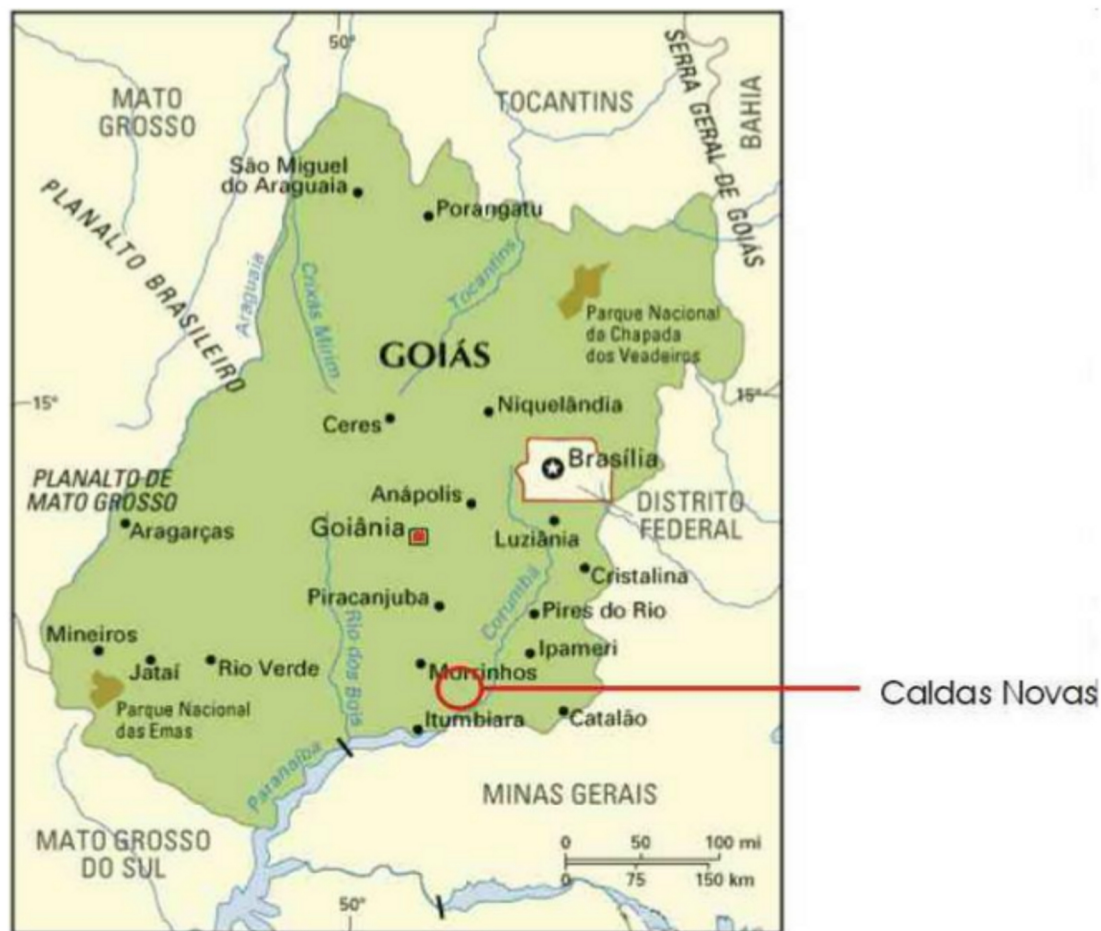


Figura 1: Mapa da localização do município de Caldas Novas em Goiás. (Fonte: www.apoema.com.br)

Segundo o censo do IBGE de 2007 (IBGE, 2010) a cidade possui cerca de 63.000 habitantes, mostrando-se heterogênea sob o ponto de vista econômico e social, tendo como principal atividade econômica o turismo.

A coleta de dados foi realizada durante os meses de abril e maio de 2008 por meio de entrevistas (n: 251), valendo-se de um formulário semi-estruturado (13 questões) aplicados para a população que transitava nas praças em diferentes bairros da cidade (centro e periferia), abrangendo diferentes faixas etárias. As pessoas que passavam pelas praças foram abordadas aleatoriamente,

recebiam a explicação dos objetivos da pesquisa, e então, se fossem residentes na cidade e concordassem em participar, iniciava-se a entrevista.

Nas entrevistas foram levantadas informações quanto às espécies de plantas medicinais conhecidas para o tratamento de doenças, indicações e modos de uso. Como as plantas não foram coletadas (nos quintais ou locais citados pelos entrevistados) e herborizadas (veja ALMEIDA et al., 2009; CARVALHO et al., 2011) para a identificação, foi realizada uma análise da nomenclatura popular através de auxílio

bibliográfico em levantamentos de plantas medicinais do cerrado.

Com relação aos dados de escolaridade foi considerado alfabetizado o entrevistado que sabia ler e escrever, mas que não frequentou a escola; para as categorias de ensino fundamental, médio ou superior foram incluídos os que haviam completado ou não esse nível de escolaridade.

Com relação à faveira, as questões referiam-se ao conhecimento ou não da espécie como planta medicinal, indicações para o uso e partes utilizadas da planta para fins medicinais. Além disso, foram entrevistados informalmente dois raizeiros tradicionais da cidade (usou-se o critério de tempo de atividade nesta área de comércio) que comercializam seus produtos em feiras livres e mercados populares para buscar informações sobre o consumo da faveira.

Resultados e discussões

Plantas medicinais utilizadas pela população de Caldas Novas-GO

Observou-se que 61% dos entrevistados utilizam plantas medicinais para tratamento de enfermidades. No trabalho de Silva et al., (2009) no município de Jataí, sudeste de Goiás, observou-se um consumo de plantas medicinais por 96% das famílias entrevistadas (n: 100 famílias). Em Mossamedes-GO, Vila Verde et al. (2003) registraram a utilização de algum tipo de planta medicinal por 57% dos entrevistados (n: 200).

A cultura goiana advém de uma cultura predominantemente agro-pastoril, onde a utilização de plantas medicinais para fins terapêuticos está bastante presente no dia-a-dia da população, sendo constatada pela população da capital e cidades do interior da região (TRESVENZOL et al., 1997, apud MORAIS et al., 2005).

Os 251 entrevistados (não incluso os dois raizeiros) incluíram indivíduos que apresentavam idade de 10 até 80 anos. Relacionando a faixa etária com o número de citações de plantas

observou-se que o maior número de citações está associado com a faixa etária de 16-30 anos (Figura 2).

Embora não tenha sido levantado as fontes de conhecimento dos entrevistados sobre plantas medicinais (ex: tradição familiar, indicação médica, palestras, programas de rádio e televisão, livros, revistas, jornais), esses resultados indicam que existe um conhecimento desses jovens (faixa etária média de 25 anos) sobre uso das plantas medicinais, associado com o grau de escolaridade, adquirindo possivelmente essas informações através de fontes externas como livros, revistas, internet (Tabela 1). Em sociedades tradicionais o principal modo de transmissão do conhecimento é o oral, através de tradição familiar, de gerações a gerações (AMOROZO, 2002). Todavia, as novas gerações no ambiente urbano buscam meios modernos de comunicação, incorporando programas de televisão, palestras, cursos, vídeos e internet. Assim, a rede do conhecimento sobre plantas medicinais pode sofrer alterações, refletindo no interesse por parte dos jovens entrevistados em adquirir informações sobre o conhecimento de plantas com utilização medicinal.

No entanto, há que se considerar que as respostas referiam-se a citações de plantas medicinais conhecidas, mas não foram quantificadas as respostas com relação ao uso destas plantas citadas. Portanto, pode existir um interesse por parte dos entrevistados em informações sobre plantas medicinais, mas não necessariamente fazem uso das mesmas.

Ao avaliarem o uso de plantas medicinais pelas populações da cidade de Cascavel/PR, Martinazzo & Martins (2004) constataram que utilizavam as plantas medicinais independente do padrão sócio-econômico ou grau de escolaridade. Também no trabalho de Silva & Proença (2008) não foi encontrado correlação positiva entre número de espécies citadas e nível de escolaridade, assim como também para estrutura etária e número de

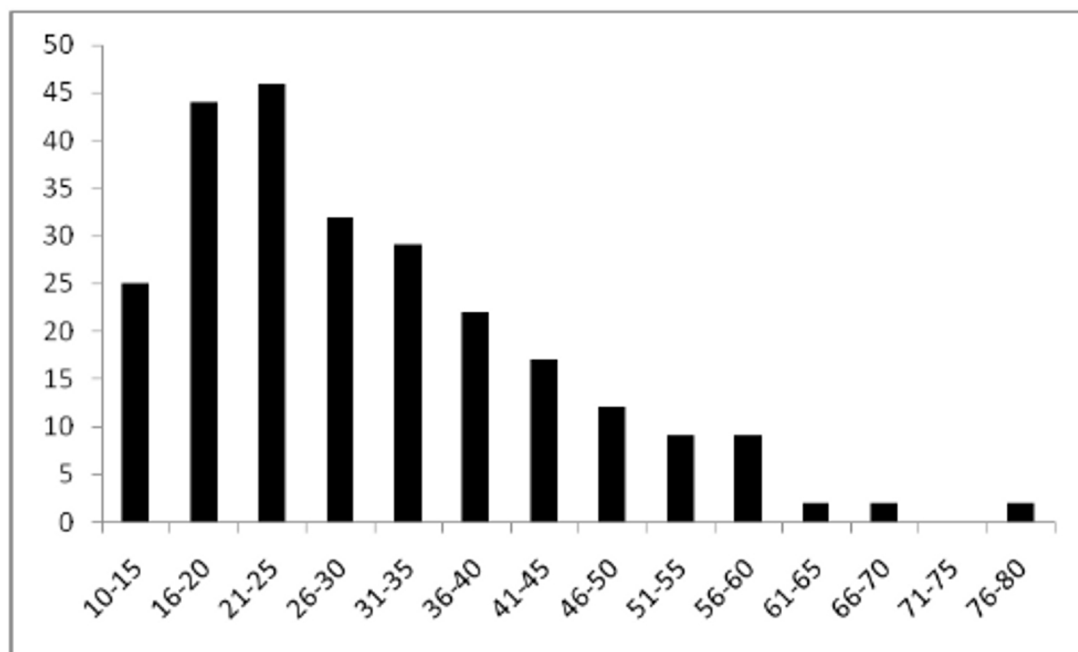


Figura 2: Número de citações por intervalo de idade entre os entrevistados (n: 251) do município de Caldas Novas-GO.

espécies citadas.

Entre os 251 entrevistados foram registrados 92 nomes populares (listados em ordem alfabética) com 586 citações de plantas medicinais (Tabela 2).

Como as plantas não foram coletadas (nos quintais ou locais citados pelos entrevistados) foi realizada uma análise da nomenclatura popular em levantamentos de plantas medicinais da região sendo possível identificar 73 gêneros (ou espécies, quando foi possível identificação para espécie) inclusas em 43 famílias, com oito nomes populares não identificados. A classificação seguiu APG II, segundo Souza e Lorenzi (2008).

É muito comum plantas medicinais serem denominadas por diferentes nomes populares, variando de região para região, sendo essa variação de nomes uma ótima forma de quantificar o conhecimento etnobotânico ou a quantificação de

informações sobre a espécie (VENDRUSCOLO et al., 2005).

Assim, a designação da nomenclatura popular para algumas citações revelou:

(a) Sinônimos *folk* ou etno-sinônimos, quando nomes populares diferentes são referidos pelos informantes para uma mesma espécie botânica: algodãozinho, algodãozinho do cerrado: *Cochlospermum regium*-Bixaceae; erva-de-santa-Maria, mastruz: *Chenopodium ambrosioides*-Chenopodiaceae; erva-de-bugre, chá-de-bugre: *Casearia sylvestris*-Salicaceae; macela, marcela: *Achyrocline satureioides*-Asteraceae.

(b) Etno-homônimos, quando para um mesmo nome popular são identificadas várias espécies botânicas: arnica: *Arnica montana*/*Lychnophora*

Tabela 1: Número de entrevistados de acordo com a escolaridade e o número de plantas citadas.

Escolaridade	Nº de entrevistados	Nº de citações
Alfabetizado	6 (2%)	36
Ensino Fundamental	74 (29,5%)	110
Ensino Médio	93 (37 %)	280
Ensino Superior	78(31%)	160
Total	251	586

ericoides (Asteraceae); amaro-leite: *Ipomea* sp /*Operculina macrocarpa* (Apocynaceae); bálsamo: *Sedum dendroideum/Cotyledum orbiculata* (Crassulaceae); cana-de-macaco: *Costus spicatus/Dichorisandra hexandra* (Costaceae); quina: *Cinchona calisaya* (Rubiaceae)/*Strychnos pseudoquina* (Loganiaceae). Nesta categoria ainda cabe mencionar espécies diferentes com grandes semelhanças morfológicas (mesmo gênero) como as várias espécies de *Mentha* (hortelã), *Eucalyptus* (eucalipto), *Passiflora* (maracujá), *Citrus* (laranjeira), *Phyllanthus* (quebra-pedra), *Senna* (sene), *Plantago* (tansagem).

Considerando as divisões em subfamílias de Fabaceae (Faboidea, Caesalpinioideae e Mimosoideae/APG-II), as famílias com maior número de nomes populares citados (e identificados em gêneros ou espécies) foram Asteraceae (onze) e Lamiaceae (sete). As espécies inclusas nessas famílias, em sua maioria exóticas domesticadas, são normalmente cultivadas em quintais. Essas famílias mais representativas também foram encontradas em trabalhos etnobotânicos em diferentes regiões do país (PILLA et al., 2006; SILVA & PROENÇA, 2008, GARRIDO et al., 2009).

As dez plantas mais citadas pelos entrevistados incluem o boldo, erva-cidreira, hortelã, erva-de-santa-Maria, sucupira e camomila, babosa, arnica,

quebra-pedra e o guaco, com predomínio de espécies herbáceas de origem exótica (Figura 3).

Essa listagem pode ser explicada pelo fato dessas plantas serem facilmente cultivadas nos quintais, sendo utilizadas principalmente na forma de chás proveniente das folhas.

Ente as formas de uso das plantas medicinais foram citadas com o maior percentual os chás (47%), xaropes (19%) e macerados (12%), pomadas (9%), inalações (7%), In natura (5 %) e outros (1%).

Os chás (infusão ou decocção) como forma de utilização mais apreciada pela população também foi confirmado por Marodin & Batista, 2001; Amoroza, 2002; Pilla et al., 2006; Almeida et al., 2009. Sabe-se que os chás, além do valor medicinal específico, contribuem para outros fins como hidratação, eliminação das toxinas, controle da temperatura corporal e auxílio na digestão dos alimentos (MARODIN & BATISTA, 2001).

O uso da faveira (*Dimorphandra mollis*) pela população de Caldas Novas-GO

A espécie *D. mollis* (faveira) mostrou ser uma planta pouco conhecida pela população, pois apenas 31% dos entrevistados (não incluso os raizeiros) conhecem ou já ouviram falar da espécie. Dentre essas pessoas apenas 20% (16 pessoas) já fizeram uso da faveira.

A figura dos raizeiros, pessoas consagradas

Plantas medicinais utilizadas pela população

Tabela 2: Plantas medicinais citadas pela população urbana do município de Caldas Novas, GO.

NOME POPULAR	N.CIENTÍFICO/ FAMÍLIA	CITAÇÕES
1. Abacateiro	<i>Persea americana</i> / Lauraceae	2
2. Abacaxi	<i>Ananas sp</i> / Bromeliaceae	3
3. Alcachofra	<i>Cynara scolymus</i> / Asteraceae	1
4. Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> / Lamiaceae	11
5. Alfavaca	<i>Ocimum gratissimum</i> / Lamiaceae	12
6. Algodãozinho-do-cerado, algodãozinho ^A	<i>Cochlospermum regium</i> / Bixaceae	10+3:13 ^A
7. Alho	<i>Allium sativum</i> / Alliaceae	1
8. Amaro-leite	<i>Ipomeae sp</i> ; <i>Operculina macrocarpa</i> / Convolvulaceae	1
9. Amora	<i>Morus nigra</i> / Moraceae	4
10. Arnica	<i>Arnica montana</i> ; <i>Lychnophora ericoides</i> / Asteraceae	21
11. Arruda	<i>Ruta sp</i> / Rutaceae	5
12. Assa peixe	<i>Vernonia sp.</i> / Asteraceae	4
13. Babosa	<i>Aloe vera</i> / Asphodelaceae	25
14. Bálsamo	<i>Sedum dendroideum</i> ; <i>Cotyledum orbiculata</i> / Crassulaceae	1
15. Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> / Mimosoideae	6
16. Barú	<i>Dipterix alata</i> / Faboideae	1
17. Batata	<i>Solanum tuberosum</i> / Solanaceae	1
18. Boldo	<i>Plectranthus barbatus</i> / Lamiaceae	86
19. Buxinha	<i>Luffa operculata</i> / Cucurbitaceae	1
20. Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i> / Asteraceae	27
21. Cana de macaco	<i>Costus spicatus sp</i> ; <i>Dichorisandra hexandra</i> / Costaceae; Commelinaceae	5
22. Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> / Lauraceae	5
23. Capim cidreira	<i>Cymbopogon citratus</i> / Poaceae	6
24. Carqueja	<i>Baccharis trimera</i> / Asteraceae	8
25. Casca D'Anta	<i>Rauvolfia selowii</i> / Apocynaceae	1
26. Cáscara sagrada	<i>Rhamnus purshiana</i> / Rhamnaceae	3
27. Chá verde	<i>Camellia sinensis</i> / Theaceae	1
28. Chicória	<i>Chicorium intybus</i> / Asteraceae	1
29. Cipó de bugre	Não identificada	3
30. Copaiba	<i>Copaiba langsdorfii</i> / Caesalpinioideae	1
31. Corta figo	Não identificada	1
32. Couve	<i>Brassica oleraceae</i> / Brassicaceae	1
33. Cravo	<i>Syzygium aromaticum</i> / Myrtaceae	1
34. Douradinha	<i>Palicourea xantophylla</i> / Rubiaceae	2
35. Erva cidreira	<i>Melissa officinalis</i> / Lamiaceae	53
36. Erva da Índia	Não identificada	1
37. Erva de bugre/chá de bugre ^A	<i>Casearia sylvestris</i> / Salicaceae	1+1:2 ^A
38. Erva de São Caetano	<i>Momordica charantia</i> / Cucurbitaceae	1
39. Erva do Campo	Não identificada	1
40. Erva Doce	<i>Pimpinella anisum</i> / Apiaceae	10
41. Erva Lagarta	<i>Diodia alata</i> / Rubiaceae	1
42. Erva Mate	<i>Ilex paraguayensis</i> / Aquifoliaceae	1
43. Erva santa Maria, mastruz ^A	<i>Chenopodium ambrosioides</i> / Amaranthaceae	22+6:28 ^A

44. Eucalipto	<i>Eucalyptus sp.</i> / Myrtaceae	9
45. Faveira	<i>Dimorphandra mollis</i> / Mimosoideae	5
46. Funcho	<i>Foeniculum vulgare</i> / Apiaceae	6
47. Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> / Zingiberiaceae	4
48. Graviola	<i>Annona muricata</i> / Annonaceae	1
49. Guaco	<i>Mikania sp.</i> /Asteraceae	17
50. Hortelã	<i>Mentha spp.</i> /Lamiaceae	35
51. Jambolão	<i>Syzygium cumini</i> / Myrtaceae	1
52. Jatobá	<i>Hymnaeae stigonocarpa</i> / Caesalpinioideae	1
53. Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i> / Solanaceae	1
54. Laranjeira	<i>Citrus spp.</i> / Rutaceae	7
55. Lima de bico	<i>Citrus aurantium</i> / Rutaceae	3
56. Limão	<i>Citrus sp.</i> / Rutaceae	5
57. Losna	<i>Artemisia spp</i> / Asteraceae	1
58. Mamão	<i>Carica papaya</i> / Caricaceae	1
59. Maracujá	<i>Passiflora spp</i> / Passifloraceae	1
60. Marcela; macela do campo ^A	<i>Achyrocline satuireioides</i> / Asteraceae	8+2=10 ^A
61. Maria pobre	<i>Dilodendron bipinnatum</i> /Sapindaceae	1
62. Menta	<i>Mentha spp</i> / Lamiaceae	1
63. Mixirica	<i>Citrus reticulata</i> / Rutaceae	1
64. Noz moscada	<i>Myristica fragrans</i> /Myristicaceae	3
65. Pata de vaca	<i>Bauhinia sp</i> / Caesalpinioideae	1
66. Pau Ferro	<i>Caesalpinia férrea</i> /Caesalpinioideae	1
67. Pau magro	Não identificada	1
68. Pé de perdiz	<i>Croton sp</i> / Euphorbiaceae	2
69. Perna de seriema	Não identificada	1
70. Picão	<i>Bidens pilosa</i> /Asteraceae	6
71. Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> / Myrtaceae	2
72. Poejo	<i>Mentha pulegium</i> / Lamiaceae	11
73. Quebra pedra	<i>Phyllanthus spp</i> / Phyllanthaceae; <i>Cinchona calisaya</i> / Rubiaceae; <i>Strychnos pseudoquina</i> /Loganiaceae	18
74. Quina	<i>pseudoquina</i> /Loganiaceae	1
75. Rabo de tatu	<i>Centrosema bracteosum</i> / Faboideae	5
76. Romã	<i>Punica granatum</i> /Lythraceae	10
77. Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> / Adoxaceae	6
78. Salveira	Não identificada	1
79. Samambaia	<i>Pteridium aquilinum</i> / Pteridaceae	1
80. Sete sangria	<i>Cuphea sp</i> / Rubiaceae	1
81. Sene	<i>Senna sp</i> / Caesalpinioideae	1
82. Sete copas	<i>Terminalia cattapa</i> / Combretaceae	1
83. Sete dores	Não identificada	3
84. Sete ervas	Não identificada	2
85. Sucupira	<i>Pterodon emarginatus</i> / Faboideae	27
86. Jambu	<i>Acmella oleraceae</i> / Asteraceae	1
87. Tansagem	<i>Plantago spp</i> /Plantaginaceae	3
92		586

A: nomes populares diferentes citados para a mesma espécie, como ex: Algodãozinho-do-cerrado com 10 citações e algodãozinho com 3, sendo assim :10 + 3=13 citações para *Cochlospermum regium*/ Bixaceae / Erva de bugre (1) + chá de bugre (1): 1 + 1 =2 citações para *Casearia sylvestris*/Salicaceae

Plantas medicinais utilizadas pela população

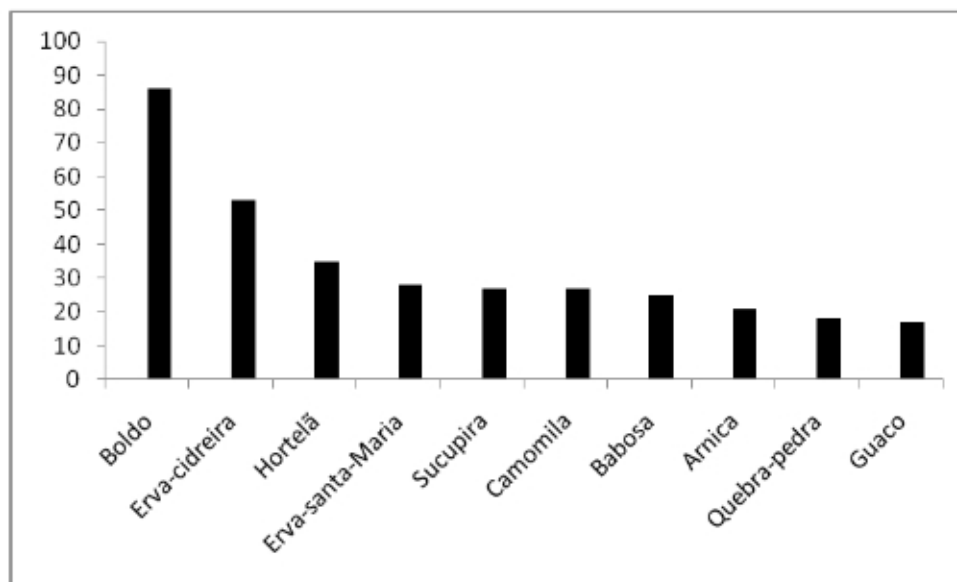


Figura 3: Plantas medicinais (nomes populares) mais citadas pelos entrevistados (n:251) do município de Caldas Novas-GO.

pela cultura popular no que diz respeito ao uso de plantas medicinais, fornecem informações sobre o modo de preparo, finalidades e a comercialização de plantas medicinais. Em Caldas Novas existem várias pessoas ligadas a esse comércio de pequena escala, expondo seus produtos em feiras livres e parques.

O desconhecimento da população sobre a faveira também é relatado pelo Raizeiro 1 (idade: 65 anos), pois segundo seus relatos a procura pela faveira é muito baixa, com raros registros de busca pela planta, ao contrário da população do Nordeste, que a consome muito. Outra informação expressa por ele é a crescente dificuldade de se encontrar as plantas para a coleta em locais mais próximos da cidade. O Raizeiro 2 (idade: 46 anos) também informou sobre a reduzida busca pela faveira, mas que ocorre com variação sazonal.

A parte da faveira mais comumente empregada foi a casca (70%), seguida de folhas e raiz, ambas com 60% e, por último, os frutos (30%).

Sabe-se que a casca apresenta alto teor de

taninos, utilizados no combate à diarreia, hipertensão arterial, reumatismo, hemorragias, feridas por queimaduras, problemas renais e processos inflamatórios em geral (MARTINS et al., 2007). No entanto, os autores alertam para outro constituinte químico presente na casca que é o flavonóide rutina, composto largamente utilizado pela indústria de fitoterápicos. Esse composto é extraído principalmente dos frutos (favas) verdes, estágio onde se obtém a maior concentração de rutina (CUSATI et al., 2006). Nas duas formas de extrativismo vegetal há prejuízos para a população vegetal, especialmente na coleta de frutos imaturos com interferência direta no processo de dispersão (SILVA, 2003).

Estudos preliminares de prospecção fitoquímica de *D. mollis* indicaram que nas folhas secas também ocorrem taninos e flavonóides (rutina), embora em menor concentração do que nos frutos (CUSATI et al., 2006; MARTINS et al., 2007). Estes estudos apontam para o fato de que as folhas secas poderiam ser utilizadas pelas indústrias,

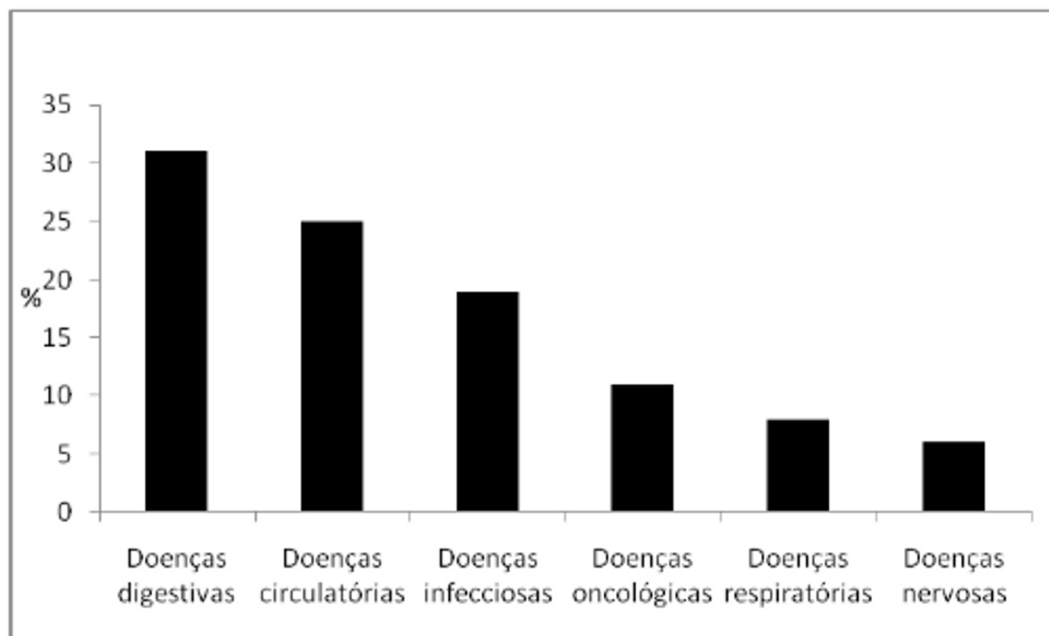


Figura 4: Indicações terapêuticas para o uso da faveira (*D. mollis*) de acordo com os entrevistados (n:251).

como alternativa à coleta predatória dos frutos verdes, já que as folhas estão presentes o ano todo e sua extração poderia ser realizada de maneira sustentável.

A espécie *Dimorphandra wilson* Rizz (faveiro de Wilson), endêmica de Minas Gerais, figura hoje na categoria de "criticamente ameaçada" pela IUCN, devido a fatores como o alto grau de extrativismo para o comércio da rutina, carência de proteção das áreas nativas e incêndios (SOUZA et al., 2009). Dessa forma, para evitar o atraso na renovação natural, a redução das populações e uma possível extinção como já registrada para outra espécie do gênero (*D. wilson*), recomenda-se um programa integrado de ações como: desenvolvimento de métodos de coleta menos predatórios, manutenção de parte dos frutos para formação do banco de sementes natural, criação e manutenção de um viveiro de mudas de faveira, estabelecimento de cooperativas de coletores (SOUZA et al., 2009).

As indicações para o uso da faveira (não incluso as informações fornecidas pelos raizeiros) foram para doenças digestivas (31%), doenças circulatórias (25%), doenças infecciosas (19%), doenças oncológicas (11%), doenças respiratórias (8%) e doenças nervosas (6%), atestando a diversidade de usos (Figura 4).

O uso mais indicado na literatura refere-se à ação anti-hemorrágica e cicatrizante, além da citação sobre contrações uterinas quando em altas dosagens (ALMEIDA et al., 1998; LORENZI & MATOS, 2002).

Segundo as informações do Raizeiro 1, uma indicação para a faveira é para o aumento de sêmen de bois reprodutores, quando a mesma é misturada na ração do gado, na proporção de 200 g para um montante de farelo. No entanto, segundo suas informações, o consumo por vacas prenhas pode ser abortivo e altamente tóxico para os bezerros.

Para o Raizeiro 2, a informação é sobre a alta

toxicidade, sendo utilizada por mulheres como abortivo, devido a capacidade de provocar contrações uterinas, informação atestada por estudos fitoquímicos (ALMEIDA et al., 1998).

Um bom critério para justificar o uso de uma planta medicinal é verificar a concordância de uso na comunidade (FRIEDMAN et al., 1986). Quanto maior for essa concordância, é possível que a planta citada contenha algum composto químico que valide seu uso. As maiores citações para o uso da faveira referiam-se a doenças digestivas e circulatórias, o que vai de acordo com levantamentos etnobotânicos (VILA VERDE et al., 2003; PILLA et al., 2006; SOUZA & FELFILI, 2006) associado com testes farmacológicos realizados com taninos da casca, indicando ação anti-diarréica, contra hipertensão arterial, reumatismo, hemorragias, dentre outras.

Dentre os entrevistados que utilizaram a faveira, observou-se um altíssimo resultado satisfatório (97%), indicando que a espécie possui um grande potencial de cura para um determinado uso. Essa aceitação pela população implica em maior segurança quanto à relativa eficácia do uso proposto.

Apesar disso, muitos estudos ainda necessitam serem realizados na área farmacológica visando fornecer subsídios para a utilização da espécie de forma mais segura pela população, pois o conceito de que as plantas medicinais são remédios naturais e, portanto, livre de riscos e efeitos colaterais deve ser reavaliado (LORENZI & MATOS, 2002).

Considerações finais

Através de formulários aplicados à população urbana de Caldas Novas-GO, observou-se que a maioria possui conhecimentos de grande diversidade de plantas medicinais. Os jovens (faixa etária de 20-25 anos) demonstraram conhecimento de espécies utilizadas como plantas medicinais, conhecimento esse talvez advindo de fontes externas como livros, revistas, internet. Ressalta-se

a necessidade de estudos mais aprofundados para resgatar a origem desse conhecimento dentro de um contexto sócio-cultural; a coleta e identificação das plantas citadas, locais de obtenção para cada espécie citada, assim como a utilização de ferramentas para quantificar os dados etnobotânicos.

O boldo, erva-cidreira e hortelã foram as espécies mais citadas como plantas medicinais, evidenciando a predominância de plantas exóticas cultivadas nos quintais.

Para as espécies nativas do cerrado, há urgência na busca de informações sobre as técnicas de coleta adotadas pela população, visando diminuir o extrativismo em áreas naturais do cerrado e a super exploração para muitas espécies, possibilitando o uso sustentado da biodiversidade.

Nota

1 Taninos são compostos secundários (polifenóis) de origem vegetal; devido às suas características têm várias aplicações farmacológicas como: adstringentes, anti-sépticos, antioxidantes.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, N. F. L. et al. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de Viçosa-MG. **Rev. Bras. de Farm.** Rio de Janeiro, v.90, n.4, p.316-320, 2009.
- ALMEIDA, S. P.; PROENÇA, C.E.B.; SANO, S.M.; RIBEIRO, J.F. **Cerrado: espécies vegetais úteis**. Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1998. 464 p.
- AMOROZO, M.C. de M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio de Leveger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. São Paulo, v.16, n.2, p.189-203, 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Depto. de Assistência Farmacêutica. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Depto. de Assistência Farmacêutica. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- CARVALHO, C.A. et al. Medicinal plants used by

- the population of Viçosa, MG, Brasil-preliminary study. **Revista Eletrônica de Farmácia**. Goiânia, v.8, n.4, p.13-26, 2011.
- CORREA, Jr, C; MING, L.; SCHEFFER, M.C. **Cultivo de plantas medicinais, condimentares e aromáticas**. Curitiba: EMATER-PR, 1991. 151 p.
- CUSATI, R.C. et al. Teores de flavonóides de fava d'anta *Dimorphandra mollis* (Caesalpinaceae). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, XLIV, 2006, Salvador. **Resumos...**p.115.
- FRIEDMAN, J. et al. A preliminary classification of the healing of medicinal plants, based on a rational analysis of an ethnopharmacological field survey among bedouins in the Negev desert, Israel. **Journal of Ethnopharmacology**. Amsterdam, v.16, p.257-287, 1986.
- GARRIDO, J.; LIMA, C. R. de; COLLI, A.M. T. Estudo etnobotânico de plantas medicinais do município de Casa Branca, SP. **Revista Logos**. Rio de Janeiro, n.17, p.13-19, 2009.
- GOIÁS. Secretaria de Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Estado de Goiás (SEMARH), Agência Ambiental de Goiás, Programa das Nações Unidas Para o Meio Ambiente (PNUMA) e Fundação Centro Brasileiro de Referência e Apoio Cultural (CEBRAC). **GeoGoiás 2002 - Estado Ambiental de Goiás**. Goiânia. 1CD.
- GOMES, L. J.; GOMES, M.A.O. Extrativismo e biodiversidade: o caso da fava d'anta. **Ciência Hoje**. São Paulo, v.27, n.161, p. 66-69, 2000.
- GUARIN-NETO, G.; MORAIS, R.G. de. Recursos medicinais de espécies do cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Botanica Brasilica**. São Paulo, v.17, n.4, p.561-584, 2003.
- IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2007**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/metodologia.shtm> Acesso em: 20 dezembro 2011.
- LORENZI, H., MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. Nova Odessa-SP: Instituto Plantarum, 2002.
- MACIEL, M.A.M.; PINTO, A.C. VEIGA-Jr, V.F. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**. São Paulo, v.25, n.3, p.429-438, 2002.
- MARODIN, S.M.; BAPTISTA, L.R.M. Plantas medicinais de Dom Pedro de Alcântara, estado do Rio Grande do Sul: espécies, famílias e usos em três grupos de população humana. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. Botucatu, v.5, p.1-9, 2002.
- MARTINAZZO, A.P., MARTINS, T. Plantas medicinais mais utilizadas pela população de Cascavel-PR. **Arquivos Ciências e Saúde-UNIPAR**. Umuarama, v.8, n.1, p.3-5, 2004.
- MARTINS, L. V. et. al. Prospecção fitoquímica preliminar de *Dimorphandra mollis* Benth (Fabaceae-Mimosoideae). **Revista Brasileira de Biociências**. Porto Alegre, v.5, supl.2, p.823-830, 2007.
- MORAIS, I.C. et al. Levantamento sobre plantas medicinais comercializadas em Goiânia: uma abordagem popular (raizeiros) e abordagem científica (levantamento bibliográfico). **Revista Eletrônica de Farmácia**. Goiânia, v.2, n.1, p.13-16, 2005.
- PILLA, M.A.C.; AMOROZO, M.C. de M.; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. São Paulo, v.20, n.4, p.789-802, 2006.
- SILVA, C.S.P. As plantas medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil: uma abordagem etnobotânica. Brasília, 2007. 153 p. Dissertação-Universidade de Brasília-UNB.
- SILVA, C.S.P., PROENÇA, C.E.B. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. São Paulo, v.22, n.2, p. 481-492, 2008.
- SILVA, R.F. et al. Estudo etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela população do município de Jataí, Goiás. **Revista Brasileira de Agroecologia**. Cruz Alta, v.4, n.2, p.174-177, 2009.
- SILVA, S.R. Levantamento das técnicas utilizadas na coleta de frutos de *Dimorphandra mollis* Benth (Leguminosae), fava d'anta, no cerrado brasileiro. In: CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL,VI, 2003, Fortaleza. **Resumos...**p.587-588.
- SOUZA, C.D.; FELFILI, J.M. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. São Paulo, v.20, n.1, p.135-142, 2006.
- SOUZA, H.A.V.; RIBEIRO, R.A.; FERNANDES, F.M.; LOVATO, M.B. Estrutura genética espacial do faveiro de Wilson (*Dimorphandra wilsonii*-Leguminosae), espécie criticamente ameaçada de extinção e estratégias para sua conservação e manejo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE

- GENÉTICA, 55º, 2009, Águas de Lindóia. **Resumos...**p.210.
- SOUZA, V.C.; LORENZI, H. **Botânica Sistemática**. 2ª ed. Nova Odessa-SP: Instituto Plantarum, 2008.
- VENDRUSCOLO, G.S.; SOARES, E.L.C.; EISINGER, S.M.; ZACHIA, R.A. Estudo etnobotânico do uso dos recursos vegetais em São João do Polêsine-RS, no período de outubro de 1999 a junho de 2001- II-Etnotaxonomia: critérios taxonômicos e classificação folk. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. Botucatu, v.7, n.2, p.44-72, 2005.
- VIEIRA, R.F. Conservation of medicinal and aromatic plants in Brazil. In: JANICK, J. (Ed). **Perspectives on new crops and new uses**. Alexandria: ASHS Press, 1999. p.152-159.
- VIEIRA, R.F.; MARTINS, M.V.M. Recursos genéticos de plantas medicinais no cerrado: uma compilação de dados. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. Botucatu, v.3, n.1, p.13-16, 2000.
- VILA VERDE, G.M.; PAULA, J.R.; CARNEIRO, D.M. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais do cerrado utilizadas pela população de Mossâmedes (GO). **Revista Brasileira de Farmacognosia**. Curitiba, v.13, supl.1, p.64-66, 2003.